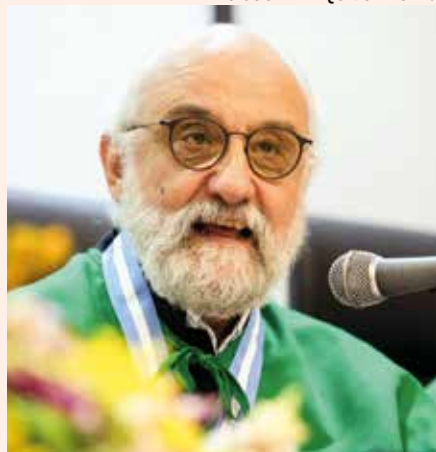




UFRJ NO JABUTI
O professor emérito Roberto Lent é um dos vencedores do Jabuti Acadêmico, ao lado da jovem docente Aline Alves, da Nutrição

Página 3

Duas chapas disputam eleições da AdUFRJ

> Pleito será nos dias 10 e 11 de setembro. Por determinação do Andes, a votação será presencial com cédulas de papel, método que não ocorria na UFRJ desde 2019. A chapa 1 é de continuidade da atual gestão e a chapa 2 é de oposição. A Comissão Eleitoral definiu que fará dois debates durante a campanha. As próximas edições do Jornal da AdUFRJ apresentarão a opinião das chapas sobre diversos temas e os programas de cada uma, sempre ocupando o mesmo espaço editorial. **Páginas 4 e 5**

CHAPA 1

UFRJ NA LUTA PELA
DEMOCRACIA E CONHECIMENTO



DANIEL CONCEIÇÃO, PEDRO LAGERBLAD, LIGIA BAHIA E ANDREA PARENTE



TEREZA
LEOPARDI



MICHEL
GHERMAN



LUISA ANDREA
KETZER

CHAPA 2

ADUFRJ DE LUTA: DIGNIDADE NAS CONDIÇÕES
DE TRABALHO E DEFESA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA



SARA GRANEMANN, RENATA FLORES E FERNANDA ARAÚJO



PAULO
PACHÁ



ALINE
CALDEIRA



FLÁVIO
MIRANDA



LUANA
MANHÃES

PLEBISCITO POPULAR SERÁ LANÇADO NA UFRJ NO DIA 18

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br

A mobilização nacional pelo Plebiscito Popular por um Brasil Mais Justo vai chegar com força à UFRJ a partir da próxima semana. Está marcado para o dia 18 de agosto, às 10h, no auditório do bloco A do CT, o ato de lançamento do plebiscito na UFRJ, com a participação de diversos parlamentares. Já confirmaram presença os deputados federais Glauber Braga (Psol), Lindbergh Farias (PT) e Taliria Petrone (Psol), as deputadas estaduais Dani Balbi (PCdoB) e Marina do MST (PT), e o vereador Rick Azevedo (Psol). Rick é o criador do Movimento Vida Além do Trabalho (VAT), que movimentou as redes sociais no ano passado com uma petição online pelo fim da escala 6 x 1 que teve mais de 2 milhões de adesões.

Representantes da AdUFRJ, do Sintufrj, do DCE Mário Prata e da APG debateram, no dia 6, a participação dos segmentos na reta final de mobilização para a votação do plebiscito. A AdUFRJ foi representada na reunião pela sua presidenta, a professora Mayra Goulart. Iniciada em 1º de julho, a votação do Plebiscito Popular é uma iniciativa de movimentos sociais, sindicais, estudantes e religiosos, além de partidos políticos ligados ao campo progressista, e os resultados serão entregues à Presidência da República, ao Congresso Nacional e ao Supremo Tribunal Federal. Em seu 68º Conad, realizado entre os dias 11 e 13 de julho, em Manaus, o Andes aprovou a participação do sindicato na mobilização nacional.

De acordo com Leonardo Guimarães, do Comitê Estadual do Plebiscito Popular, as próximas semanas serão decisivas na ofensiva para conquistar o maior número possível de votos. “A ideia é intensificar a mobilização até chegarmos à semana final do plebiscito, a Semana da Pátria, de 1º a 7 de setembro”, disse Gui-



FOTO: STIAL (SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DA ALIMENTAÇÃO DE LIMEIRA E REGIÃO)

MOBILIZAÇÃO Comitês locais, como em Limeira (SP), ampliam votação do plebiscito

marães, que é secretário de Movimentos Sociais do PCdoB no Rio de Janeiro. Ele informou que, além das bandeiras originais (fim da jornada 6 x 1, taxação das grandes fortunas e isenção de IR para os que ganham até R\$ 5 mil), o Comitê Nacional está propondo a incorporação da soberania nacional no plebiscito, diante do tarifaço aos produtos brasileiros imposto pelo presidente norte-americano Donald Trump.

Na cédula de votação, o eleitor responde a duas perguntas: se apoia o fim da escala 6 x 1, com redução da jornada sem corte de salário, e se concorda com a cobrança de mais imposto para quem recebe acima de R\$ 50 mil por mês, com isenção para quem ganha até R\$ 5 mil mensais. Pautas regionais são incorporadas ao plebiscito de acordo com necessidades locais. No Rio de Janeiro, por exemplo, a pauta regional é a garantia de acesso ao abastecimento de água e ao saneamento básico.

PLEBISCITO POR UM BRASIL MAIS JUSTO

CONFIRMA AS DATAS DE MOBILIZAÇÃO SUGERIDAS PELO COMITÊ UFRJ DO PLEBISCITO POPULAR:

■ **13 de agosto:** Participação no mutirão popular de votação no Centro do Rio de Janeiro (Estação das Barcas, Central do Brasil e Largo da Carioca).

■ **18 de agosto:** Ato de lançamento do plebiscito no auditório do bloco A do CT do campus Fundão, às 10h.

■ **20 e 21 de agosto:** Instalação de pontos de coleta de votos em locais estratégicos da UFRJ (Estação do BRT do Fundão, elevadores do HUU, Restaurante Universitário Central, Praia Vermelha e Macaé, entre outros).



EDITORIA UFRJ SELECIONA ORIGINAIS PARA O CATÁLOGO

A Editora UFRJ está com dois editais abertos para composição do catálogo de 2026/2027. O primeiro vai selecionar originais para a Coleção Outros Passos: livros de pequeno formato que abordam questões de amplo interesse público em textos acessíveis, com ênfase nas áreas de Artes e Humanidades. Inscrição: de 8 de setembro a 10 de outubro de 2025. O segundo edital seleciona originais de todas as áreas do conhecimento, com prazo de inscrição de 5 de janeiro a 13 de março de 2026. As inscrições serão recebidas pelo correio eletrônico editais25@editora.ufrj.br. Mais informações em: www.editora.ufrj.br.

UNIVERSIDADE NA RIO INNOVATION WEEK

A UFRJ tem um estande aberto ao público em todos os dias do evento que começou hoje, no Pier Mauá, de 10h às 21h. Organizado em parceria da pró-reitoria de Extensão com o núcleo Inova UFRJ, o espaço traz a produção científica e cultural inovadora da comunidade acadêmica, mostrando todo o seu impacto social. Estão programadas exposições interativas e rodadas de apresentações. Haverá, ainda, sorteios de moedas comemorativas dos 200 anos do Museu Nacional e de sementes e mudas do Horto da Prefeitura Universitária.



SGAADA COMEMORA DOIS ANOS

Criada em 2023, a Superintendência-Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Acessibilidade (SGAADA) vai comemorar seus dois anos de atuação no dia 18 de agosto, às 14h, no auditório Hélio Fraga do Centro de Ciências da Saúde. A SGAADA tem a missão de coordenar e fortalecer as políticas institucionais de inclusão, promoção da igualdade, combate ao capacitismo, à LGBT fobia e ao racismo no ambiente acadêmico.

CONVÊNIOS

■ Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrrj.org.br.

RIO DE JANEIRO



IBEU



CLUB PET



MAPLE BEAR TIJUCA



MIT CUIDADORES



ACADEMIA TIJUCA FIT



MADONA CLINIC



PSICARE



FISIOTERAPIA RJ LTDA



CRECHE AMANHECENDO



CRECHE ESCOLA RECRIAR



CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS



ROÇA URBANA ORGÂNICOS



JC LUZ CORRETORA



FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL



BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS



ESCOLA ALFA



CLÍNICA ESTÇÃO CORPORAL



HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR



MAIS FITNESS ACADEMIA



CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA



INSPIRE ENERGIA SOLAR



KALUNGA PAPELARIA



DROGARIA RAIA



WELLHUB

PROFESSOR EMÉRITO DA UFRJ, o pesquisador é um dos mais respeitados neurocientistas do Brasil e do mundo

LENT GANHA JABUTI ACADÊMICO

A obra “Existo, logo penso”, do professor Roberto Lent, foi a vencedora do Prêmio Jabuti Acadêmico na área de divulgação científica. O livro, de 2024, une o conhecimento científico publicado em crônicas no Jornal O Globo a registros da vida do pesquisador. Emérito da UFRJ desde 2019, ele se redescobre em novas linhas de pesquisa, ao mesmo tempo em que resgata uma coleção de livros infantis. O Jornal da AdUFRJ conversou com o docente, que recebeu com surpresa o resultado final da premiação. Confira.

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

● **Jornal da AdUFRJ – Como foi ganhar o prêmio?**

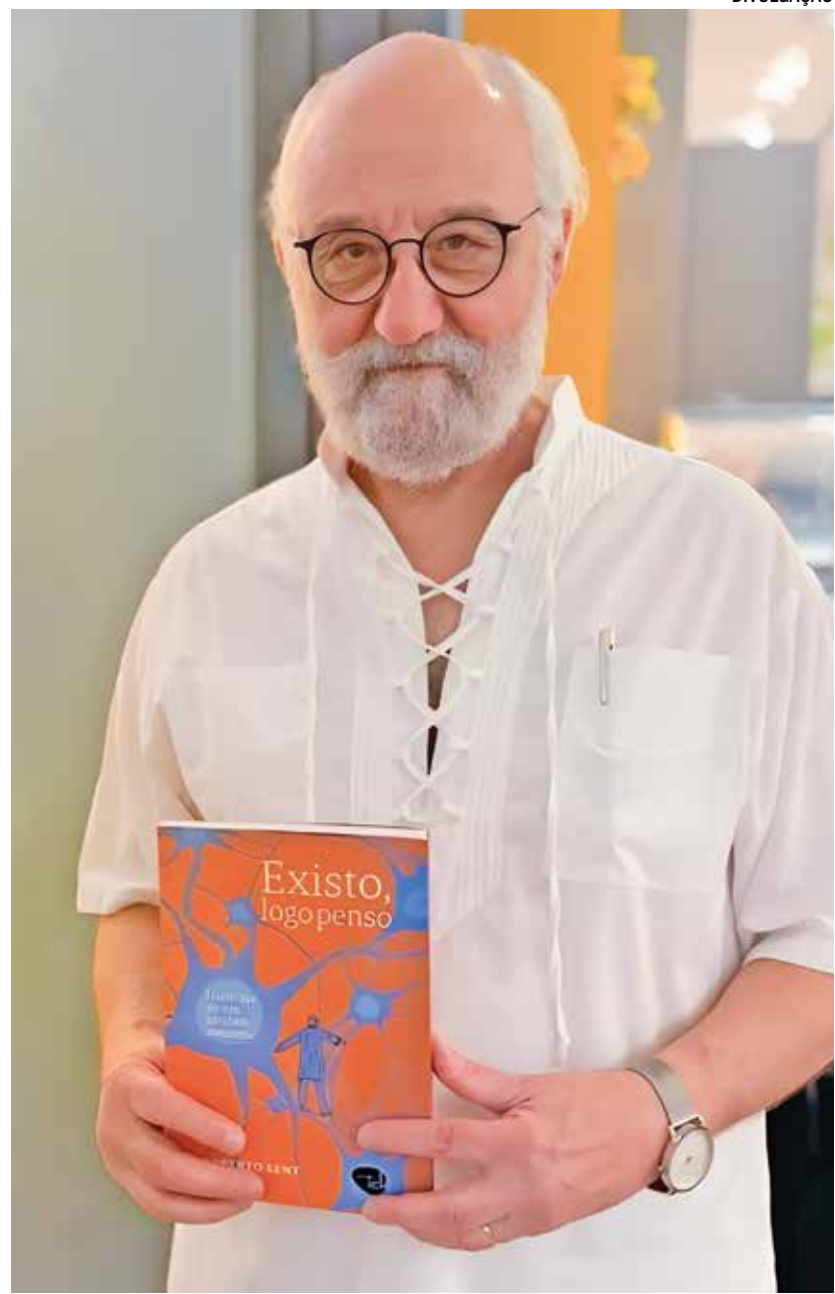
■ **Roberto Lent** – Fiquei um pouco surpreso. Não estava acreditando muito. Havia um outro livro muito bom concorrendo, da Academia Brasileira de Ciências, chamado ‘A evolução é fato’, feito por um grupo de trabalho muito competente. Eu acreditava que ele ganharia. Foi uma boa surpresa.

● **Como surgiu a ideia do livro?**

■ Eu tinha uma coluna no O Globo, chamada ‘A hora da Ciência’ e, depois, ‘Ciência’. Foram 200 crônicas publicadas em quatro anos. Depois que eu decidi parar, porque me demandava muito tempo de leitura – já que para escrever bem é preciso ler muito –, eu resolvi aproveitar para fazer uma coletânea desses textos. Achei, no entanto, que ficaria muito monótono de ler só as crônicas e resolvi dar um tempo com experiências da minha própria vida. É a divulgação científica com toque de afeto.

● **Pode contar algumas delas?**

■ Eu tenho uma filha que tem uma má-formação congênita no cérebro. Então, conto esse episódio conectado à crônica que fala sobre essa má-formação (agenesia do corpo caloso, uma condição rara em que os dois hemisférios do cérebro não se



DIVULGAÇÃO

comunicam de forma convencional) e as últimas descobertas. É uma homenagem à Isabel. Outro episódio que conto é que fui preso pela ditadura. Fiquei

numa solitária, sem acesso a nenhum tipo de leitura e encontrei empatia em um soldado da Marinha. Ele passou a enlolar a minha comida em um jornal,

para que eu tivesse algo para ler. E a crônica que vem na sequência fala sobre a empatia. Então, eu relatei esses momentos da vida com as crônicas. As páginas da minha vida são azuis com tipografia branca. Já as crônicas têm páginas brancas com tipografia preta.

● **A divulgação científica sempre foi uma parte importante de sua trajetória. Qual a importância de um prêmio nessa área?**

■ Esse prêmio é um passo importante no sentido de criar um ecossistema de divulgação científica que possa conversar com o público leigo. A divulgação científica admite vários meios, permite qualquer formato. Precisamos aproximar o público leigo da Ciência, sobretudo em tempos de desinformação e fake news. O país precisa aproveitar os talentos da divulgação científica, dar ferramentas, para que cresçam essas ações.

● **O livro foi publicado pela Editora Instituto Ciência Hoje, entidade que o senhor ajudou a fundar. É um início de novo ciclo para o senhor?**

■ Sim, eu fui um dos fundadores da Revista Ciência Hoje, junto com Ennio Candotti, Alberto Passos Guimarães, Gilberto Velho. A revista, que foi crescendo, se tornou um instituto. Recentemente, o instituto criou a editora e tive a felicidade de ser o primeiro a editar um livro. A grande coincidência é que escrevi um artigo na primeira edição da Revista Ciência Hoje e o primeiro livro da editora. É um recomeço, digamos assim. O ICH é uma instituição a qual tenho muito afeto.

● **Quais são os próximos projetos?**

■ Estou trabalhando na nova

edição da coleção de livros infantis “As aventuras de um neurônio lembrador”. É uma série de cinco livros que foi lançada pela editora Vieira & Lent, que eu tinha com a minha mulher. A editora fechou e os livrinhos se esgotaram. Então vamos relançar com a editora ICH. Estão sendo ilustrados e devem estar nas livrarias esse ano ainda.

Há outros dois livros. O “100 bilhões de neurônios”, que é um livro didático, atualizado em 2023; e “Cérebro aprendiz”, de 2019, no qual estou trabalhando na atualização. As coisas na área científica ficam velhas numa velocidade cada vez maior.

● **Como o senhor vê essa crescente pressão pelo aumento de publicações científicas?**

■ A métrica do sistema é muito baseada em números, o que é um problema, porque número não quer dizer nada. Você pode publicar muito com baixa qualidade ou pode publicar pouco com muita qualidade. Existem pesquisadores com 600 trabalhos publicados. É um valor, mas não é um valor maior do que o de alguém que tem 100 trabalhos com profunda qualidade.

As métricas ainda são pouco qualitativas. É preciso pensar em outras métricas. Ao mesmo tempo, o grau de cooperação entre os pesquisadores aumentou. As técnicas utilizadas em cada trabalho são muito variadas, o que acaba reduzindo um pouco essa pressão por publicar individualmente, já que muitos artigos são construídos por grandes grupos.

● **O senhor continua fazendo pesquisa, além de trabalhar nos livros?**

■ Sim e continuo publicando artigos científicos.

JOVEM DOCENTE DA NUTRIÇÃO TAMBÉM É PREMIADA

Na área de Ciências de Alimentos e Nutrição, o livro vencedor foi “Nutrição Inclusiva: Diversidade e Inclusão em Alimentação e Nutrição”, de **ALINE ALVES FERREIRA**, Thaís Lima Dias Borges e Ursula Viana Bagni. Aline é docente do Instituto de Nutrição Josué de Castro, da UFRJ, desde 2013. A obra trata de nutrição para grupos sociais minoritários ou marginalizados, como pessoas com deficiência, povos originários, população em situação de rua e encarcerada.

● **Jornal da AdUFRJ – Qual seu sentimento em ter sido premiada?**

■ **Aline Alves Ferreira** – O sentimento é muito gratificante. É um reconhecimento para além da questão acadêmica. São três professoras envolvidas na organização, que é fruto de uma inquietação social. A indicação já foi uma surpresa, mas a premiação realmente foi uma surpresa ainda maior.

● **O que acha que foi o diferencial do trabalho?**

■ A gente tinha noção de que o nosso material era muito novo dentro da área, muito urgente,

mas ainda pouco abordado. Trabalhamos com subgrupos que nunca são falados. Estamos falando de pessoas com deficiência, em situação de rua, de comunidades tradicionais, população encarcerada. São muitas provocações e reflexões sobre nutrição sobre esses grupos.

● **Como surgiu a ideia do livro?**

■ Na pandemia, a gente percebeu que havia muito material fragmentado. Tivemos necessidade de organizar todos esses dados. Recebemos alguns não, mas encontramos parceiros que toparam levar a ideia adiante.



ARTUR MOÉS (CCS/UFRJ)

● **A que atribui esses não?**

■ Acho que tem muito a ver com o fato de a abordagem ser nova e algumas editoras comerciais acabam tendo medo

de apostar na ideia. Felizmente encontramos quem topou divulgar. Essa roda-viva Capes nos permite conversar muito com nossos pares, mas não com o grande público. Queríamos dialogar com estudantes de graduação, de pós e com a sociedade.

● **Qual a importância do livro num contexto político em que há uma extrema direita ainda muito forte e que rechaça essas ideias?**

■ O Brasil é um país dos mais desiguais do mundo e encabeça esse ranking, infelizmente. Injustiças sociais são historicamente repetidas e invisibiliza-

das e governos de extrema direita tornam essas pautas ainda mais invisíveis. Precisamos de políticas públicas para esses grupos. A publicação desse livro deveria ter sido realizada em 2023, mas vem em momento oportuno porque levanta o debate da alimentação, da nutrição, mas também da área da saúde como um todo em relação a esses subgrupos. Nosso cenário político hoje é muito mais promissor com a diminuição da fome, por exemplo, e isso só foi possível com política pública. Algo que foi totalmente negligenciado no governo passado. (Silvana Sá)

ELEIÇÕES2025 >> AdUFRJ

CONHEÇA AS CHAPAS QUE CONCORREM À DIRETORIA

> Grupos de situação e oposição se enfrentarão nas urnas nos dias 10 e 11 de setembro. Estão previstos dois debates. Candidatos ao Conselho de Representantes podem se inscrever até o dia 29

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

Dois grupos de situação e oposição se enfrentarão nas urnas nos dias 10 e 11 de setembro. Estão previstos dois debates. Candidatos ao Conselho de Representantes podem se inscrever até o dia 29

A Chapa 1 “UFRJ na luta por Democracia e Conhecimento” é liderada pela professora Ligia Bahia e representa o setor de continuidade das últimas gestões da AdUFRJ. A docente do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva já foi vice-presidente da seção sindical entre 2017 e 2019, na gestão da professora Maria Lucia Teixeira Werneck Vianna. A 1ª vice-presidente é

a professora Maria Tereza Leopardi, da Economia. A Chapa 2 “ADUFRJ de luta: dignidade nas condições de trabalho e defesa da universidade pública” é conduzida pela professora Renata Flores, do Colégio de Aplicação, que integra o grupo de oposição à diretoria da AdUFRJ. Renata já fez parte do Conselho de Representantes em algumas gestões. O 1º vice-presidente é o professor Paulo Henrique Pachá, do Instituto de História.

Há previsão de dois debates entre as chapas, que devem acontecer no Fundão e na Praia Vermelha, locais de maior concentração de professores sindicalizados. As datas e horários serão definidos pela Comissão Eleitoral nos próximos dias. Já os candidatos ao Conselho de Representantes têm até o dia 29 de agosto para se inscrever. A instância ajuda a organizar as ações do sindicato nas unidades. O número

de representantes depende da quantidade de sindicalizados em cada unidade: até 60 sindicalizados, 1 representante; de 61 a 120 sindicalizados: 2 representantes, mais de 120 sindicalizados: 3 representantes. Os documentos para inscrição dos candidatos ao CR estão no site da AdUFRJ. As eleições serão presenciais, nos dias 10 e 11 de setembro. A posse está prevista para 15 de outubro. Conheça as chapas que disputam a diretoria.

CHAPA 1 – UFRJ NA LUTA PELA DEMOCRACIA E CONHECIMENTO



LIGIA BAHIA
Presidente

IESC



MARIA TEREZA LEOPARDI MELLO
1ª Vice-presidente

IE



MICHEL GHERMAN
2º Vice-presidente

IFCS



PEDRO LAGERBLAD
1º Secretário

IBqM



ANDREA PEREIRA PARENTE
2ª Secretária

EQ



DANIEL NEGREIROS CONCEIÇÃO
1º Tesoureiro

IPPUR



LUISA ANDREA KETZER
2ª Tesoureira

Campus Duque de Caxias



1) O que caracteriza sua chapa?

Nossa chapa se caracteriza pelo compromisso com a UFRJ, seu passado, mas principalmente a perspectiva de mudanças no presente e no futuro nos processos e práticas do nosso trabalho docente que permitam que a instituição ocupe e alargue sua presença no ensino, extensão e pesquisa, bem como amplie a influência na conformação de uma cidadania efetivamente

democrática. Os professores que integram a Chapa 1 atuam em diferentes campos do conhecimento, são diversos sob o enfoque identitário e plurais em termos de suas concepções religiosas, filosóficas e políticas. O que nos une são princípios e valores de defesa da universidade pública, inclusiva e de qualidade, especialmente no contexto dos intensos ataques ao fazer acadêmico por governos de extrema-direita.

2) Qual sua expectativa sobre a campanha eleitoral?

Pretendemos que a campanha eleitoral revitalize o debate simultâneo sobre nossas condições de vida e trabalho e as repercussões das práticas

O principal desafio da próxima gestão será a luta pela UNIVERSIDADE pública, gratuita e de qualidade aberta, de pé, cumprindo seu papel de apresentar perspectivas para o País

docentes em âmbito local, nacional e internacional na formação profissional, pesquisa e atividades de extensão de alunos, movimentos sociais e pesquisadores. Temos responsabilidade pelo futuro, desde a formação de alunos do ensino fundamental até a formulação de alternativas científicas, tecnológicas e de políticas públicas para o desenvolvimento social sustentável. Nossa intenção é promover um diálogo maduro e sensível às possíveis convergências com os eleitores. Queremos uma diretoria próxima, representativa e capaz de compreender as necessidades e os potenciais de participação dos docentes.

3) Qual o principal

desafio da futura gestão?

O principal desafio da próxima gestão será a luta pela UNIVERSIDADE pública, gratuita e de qualidade aberta, de pé, cumprindo seu papel de apresentar perspectivas para o País. Não estamos destinados a ser um país pobre, violento e desigual. Cortes para o ensino superior são inaceitáveis. Nos somaremos a sociedades científicas como a SBPC, ABC, entre outras, para lutar por orçamentos para as universidades e pesquisas adequados e estáveis. Estaremos juntos com entidades da sociedade civil na defesa da paz, dos direitos das mulheres, da população negra, da preservação ambiental. Nenhum direito a menos, ninguém fica para trás.

ELEIÇÕES2025 >> AdUFRJ

ELEIÇÃO DA ADUFRJ até 29 de agosto

Inscrições para o Conselho de Representantes

Os candidatos devem se inscrever por listas, em ordem entre aqueles que desejam ser conselheiros titulares e suplentes.

CHAPA 2 – ADUFRJ DE LUTA: DIGNIDADE NAS CONDIÇÕES DE TRABALHO E DEFESA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA



RENATA LUCIA BAPTISTA FLORES
Presidente

CAP



PAULO HENRIQUE DE CARVALHO PACHÁ
1º Vice-presidente

IH



ALINE CALDEIRA LOPES
2ª Vice-presidente

ESS



FLÁVIO FERREIRA DE MIRANDA
1º Secretário

IE



LUANA MANHÃES DA SILVA
2ª Secretária

EBA



SARA A. GRANEMANN
1ª Tesoureira

ESS



FERNANDA SANTOS ARAÚJO
2ª Tesoureira

Nides/CT



1) O que caracteriza sua chapa?

A Chapa 2 ADUFRJ DE LUTA é constituída por jovens docentes que ingressaram na universidade na última década e por docentes com décadas de experiência e dedicação à UFRJ, à Educação Pública e à defesa da democracia. No compromisso com o floresci-

mento de uma comunidade acadêmica diversa, somos antirracistas, anticapacitistas, feministas e intransigentes na defesa da democracia no país e na universidade. Representamos professoras e professores que buscam caminhos de luta por melhores condições de trabalho por meio de um sindicato autônomo do Estado, a partidos e reitorias.

2) Qual sua expectativa sobre a campanha eleitoral?

A campanha será o momento de debater concepções diversas de sindicato e universidade. Integradas às condições de trabalho em uma universidade em ruínas, precisamos urgentemente abordar as dificuldades adicionais

Nossos desafios são múltiplos: restabelecer a luta por condições de trabalho dignas para os docentes da UFRJ; resgatar o debate democrático dos caminhos do sindicato autônomo, da universidade e do país

enfrentadas por um corpo docente formado por mães, negras/os e idosos, docentes adoecidas/os e endividadas/os. Debater também as conquistas coletivas arrancadas pela greve de 2024, ao mesmo tempo que problematizar o inédito não cumprimento do acordo para o fim do movimento paredista – em pontos que sequer envolvem aportes orçamentários. Ademais, e crucialmente, a omissão da AdUFRJ nesse movimento. Portanto, terá centralidade a questão da democracia no sindicato, considerando que temos vivenciado nos últimos anos simulacros de assembleias, destinadas apenas a referendar as posições prévias da Diretoria. Por fim, será o

momento de debater que tipo de sindicato queremos para o próximo biênio: um sindicato domesticado, incapaz de propor soluções concretas e que aposta no lobby como único caminho da ação política ou um sindicato aguerrido, intransigente na defesa dos docentes e da democracia.

3) Qual o principal desafio da futura gestão?

Nossos desafios são múltiplos: restabelecer a luta por condições de trabalho dignas para os docentes da UFRJ; resgatar o debate democrático dos caminhos do sindicato autônomo, da universidade e do país; contribuir para o combate contra a extrema-direita e para a proteção da democracia.

Jogos de tabuleiro viram estrelas nas salas de aula

> Primeira edição do Clube de Jogos Coppe apresentou protótipos que estão se tornando eficientes ferramentas de aprendizagem em cursos de graduação e também em escolas da rede pública

RENAN FERNANDES
renan@adufrrj.org.br

Muito além da diversão, os jogos de tabuleiro ganharam espaço nas escolas e universidades como poderosas ferramentas de aprendizagem. A primeira edição do Clube de Jogos Coppe, que aconteceu na quarta-feira passada (6), apresentou 14 jogos desenvolvidos na UFRJ que misturam o lúdico com o ato de aprender e ensinar. O evento foi organizado pela Diretoria de Tecnologia e Inovação da Coppe em parceria com o InovaCO-PPE-EQ e com os laboratórios Casulo e Ludes.

A primeira semana de aulas da graduação não foi escolhida por acaso. O objetivo foi atrair os alunos para conhecer os jogos desenvolvidos nos laboratórios. “A ideia é mostrar nosso trabalho para esses estudantes que estão chegando na faculdade. Mostrar que esse trabalho com desenvolvimento de jogos é uma possibilidade” afirmou Mateus Espanha, doutorando do Programa de Engenharia de Sistemas e Computação e um dos idealizadores do Clube de Jogos.

O envolvimento de Mateus com os jogos de tabuleiro surgiu na graduação. Depois de trocar o curso de Engenharia de Controle e Automação pelo de Engenharia de Produção, o estudante sonhava em criar algo com um impacto social. “Sempre achei que os jogos têm um potencial enorme de impacto na educação. Vi que essa era a minha oportunidade”

Mateus apresentou no evento o jogo que desenvolveu durante o mestrado. “Jornada da pesquisa” tem como base o caminho que um estudante percorre na pós-graduação. “Os caminhos que a UFRJ abre para a gente como alunos são incontáveis. Se o estudante já conhece essas oportunidades, ele pode correr atrás com intencionalidade”, pontuou.

O desenvolvimento do jogo passou por aperfeiçoamentos para ser aplicado em sala de aula. “Cada aluno recebe um tabuleiro em papel onde pode rabisar suas jogadas, enquanto um tabuleiro central pode ser projetado em uma tela para turma”, explicou o doutorando.

Os amigos Carolina Iglesias e Guilherme Pereira, estudantes do segundo período de Engenharia Naval e Engenharia de

Produção, respectivamente, ficaram impressionados com a diversidade de jogos. “Não tinha ideia de que esses jogos eram desenvolvidos aqui. Tem muitos jogos legais”, disse Carolina na saída. Guilherme, que é fã de jogos de tabuleiro, não conseguiu escolher um preferido. “Compraria todos os jogos que estão aqui”, revelou.

CASULO

A professora Amanda Xavier aplicou o jogo de Mateus em uma de suas aulas de mestrado e foi um sucesso. A docente é coordenadora do Casulo, o Centro Avançado em Sustentabilidade, Ecossistemas Locais e Governança. O laboratório desenvolve jogos como uma metodologia ativa de aprendizagem e ensino. “É uma metodologia de inserção na sociedade. A partir dos jogos, a gente pode fazer uma inclusão tecnológica”, explicou Amanda.

A vertente da sustentabilidade está presente em todos os projetos desenvolvidos no laboratório. “No Casulo, a sustentabilidade é um objetivo constante, não é uma temática”, destacou ela, como um lema do laboratório.

A professora explicou que as especificidades de cada contexto são analisadas antes do desenvolvimento das ações. “Não só uma sustentabilidade ambiental, mas territorial. Para aquele território específico, naquele contexto o que é ser sustentável? Saneamento básico? Então, vamos fazer algo voltado para isso”.

Amanda defende a ideia de que novos métodos de ensino são necessários para melhorar a capacidade de diálogo com as novas gerações. “Não dá mais para achar que os métodos tradicionais vão funcionar porque não vão”. Para a professora, são necessárias novas ferramentas e métodos específicos para refletir a dinâmica da vida atual. “O mundo está diferente, temos que nos adaptar à intensidade que vivemos hoje. Nem a gente na universidade aguenta mais uma palestra em que a pessoa só fica falando, falando e falando”.

É nesse contexto que os jogos aparecem no Casulo. Como um processo de aprendizagem lúdico, dinâmico e flexível. “Sempre pensamos em fazer jogos adaptáveis a situações e objetivos distintos. Não fazemos jogos com uma única mecânica, pensamos sempre em desenvolver formas e códigos diferentes”, afirmou a docente.

O jogo que Thamyres Abreu está desenvolvendo em sua



FOTOS: RENAN FERNANDES

DESENVOLVIMENTO Clube de Jogos Coppe apresentou 14 jogos criados por alunos e docentes da UFRJ



APRENDIZAGEM Os jogos propiciam mais interação entre os alunos

dissertação de mestrado é um exemplo. “É um jogo todo modular de reconstrução de territórios em que o jogador é quem monta o tabuleiro. Jogando com pessoas diferentes, você vai ter equipes e territórios diferentes”, comentou a professora Amanda, orientadora da mestranda.

Thamyres é coordenadora do EDS Maker (Educação para o Desenvolvimento Sustentável),

braço da Extensão do Casulo que foca em acessibilidade e inclusão. Em parceria com o projeto Panda, do Instituto de Psicologia, o grupo trabalha no desenvolvimento de jogos cognitivos para crianças com dificuldades de aprendizagem. “Acredito muito no potencial transformador que os jogos têm na vida das crianças”, revelou a estudante.

O EDS Maker trabalha com impressoras 3D e auxilia escolas públicas que possuem o equipamento. Desde 2022, a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro criou “Espaços Maker” em escolas, mas não ofereceu treinamentos para os professores manusearem a máquina. “As impressoras estão lá paradas. Nosso projeto entra nas escolas para oferecer o treinamento e jogos em código aberto que podem ser usados na aprendizagem”, explicou Thamyres.

LUDES

O Ludes (Laboratório de Ludologia, Engenharia e Simulação), coordenado pelo professor Geraldo Xexéo, também trabalha com jogos voltados à educação e divulgação científica. O professor já desenvolveu jogos em parcerias com docentes e pesquisadores de outras áreas. “Já desenvolvemos colaborações com a Cardiologia, a Farmacologia e a Biologia da Fiocruz”, disse o docente.

O Screener é um dos exemplos de maior sucesso do laboratório. Em parceria com o professor François Noël, do ICB, o Ludes fez um jogo sobre a descoberta e o desenvolvimento de fármacos e medicamentos. “Várias universidades e programas de pós-graduação estão usando o Screener. Com o jogo fica mais divertido e facilita o aprendizado”, comentou Xexéo, que foi ao Clube de Jogos mostrar o jogo ao público.

Segundo o professor, existe um perfil de educadores que procuram o curso básico de conceituação de jogos. “Para escolas, é importante o jogo não ser digital. É mais barato e menos desigual. E precisa caber no espaço de duas aulas para o professor ainda conseguir promover alguma discussão educacional depois da dinâmica”.

IA NA EDUCAÇÃO? USE COM MODERAÇÃO

> Especialistas da Cecierj lançam código de ética e avaliam os impactos da utilização da ferramenta na área educacional. Grupo da UFRJ prepara materiais sobre o uso da IA no ensino e na pesquisa

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

Quais seriam os limites para o uso responsável da inteligência artificial no ambiente acadêmico? Para tentar responder a essa pergunta, instituições do mundo inteiro começaram a divulgar guias voltados para suas próprias realidades. Aqui no Brasil, entre outras, a Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cecierj) também lançou um código de ética sobre o tema, neste ano.

“Na Cecierj, estamos há 25 anos inovando. A gente fazia ensino a distância quando não existia nem Youtube. Estamos sempre antenados com as novas tecnologias e seus impactos na educação”, afirma a assessora de Projetos Estratégicos e Inovação da fundação, Bruna Werneck. “Com este lançamento, estamos abrindo um grande diálogo com o público. A ideia é que a gente continue debatendo, refinando e entendendo como tirar o melhor proveito dessas ferramentas”.

Nos cursos oferecidos pela Cecierj — alguns deles em consórcio com a UFRJ e outras universidades públicas do estado —, as provas são realizadas em formato presencial, mas os alunos também precisam entregar trabalhos através de uma plataforma virtual. “Então como falar sobre IA? Quais seriam as boas práticas de uso da IA neste ambiente?”, questiona Bruna.

Não há dúvida de que o pior uso é delegar a autoria de uma tarefa completamente para a inteligência artificial. “A IA é um amálgama de tudo. Não necessariamente de fontes confiáveis. E ela trabalha dentro do senso comum. Ou seja, além da questão ética de um trabalho não feito por você, ele teria qualidade bastante questionável”, explica Bruna. “Gramaticalmente, está tudo muito bem escrito, vocabulário muito bom, poucos erros gramaticais ou nenhum. Mas não quer dizer que o conteúdo seja tão confiável quanto ao público”.

Isso sem falar em riscos ainda mais graves. “Isso foi cunhado como ‘alucinação’. A IA fala de coisas que não existem. É algo que a gente vê acontecer. Ela simplesmente inventa uma biografia, um artigo que não existe, ou pega um autor que existe e inventa um outro título”, acrescenta a assessora da Cecierj.

Por outro lado, as ferramentas



Estamos abrindo um grande diálogo com o público. A ideia é que a gente continue debatendo, refinando e entendendo como tirar o melhor proveito dessas ferramentas”

BRUNA WERNECK
Assessora da Cecierj

de IA podem apoiar os professores a organizarem recursos didáticos — a partir de conteúdos próprios ou de uso autorizado — com maior potencial de despertar o interesse dos estudantes. Por exemplo, no auxílio à criação de atividades em sala e online mais interativas e dinâmicas.

Para estudantes, vale a mesma regra: a ferramenta pode ajudar como revisora, como um apoio. “Mas você quer delegar sua formação para a IA? Você não pode deixar de estudar e ter essa noção até para fazer essa supervisão da máquina e garantir que ela está fazendo o que você de fato pediu”, afirma Bruna.

A assessora acrescenta que a Cecierj também criou um manual para os técnicos da fundação. “Sabemos que existem tarefas que são bastante mecânicas, repetitivas, que requerem uma atenção para fazer várias vezes a mesma coisa e não errar. A IA pode ser uma grande aliada nesse parte”.

FORMAÇÃO CONTINUADA

O pesquisador Vittorio Lo Bianco liderou a equipe responsável pela produção do código de ética e dos guias de uso voltados para professores, técnicos e alunos da Cecierj (acesse os materiais pelo QR code desta página). O projeto foi iniciado em 2023. “Focamos em documentos de universidades internacionais justamente por não termos encontrado, até o lançamento em abril, documentos de instituições nacionais que se aproximassem do nosso propósito, que é debater e refletir sobre o uso



FOTOS: ADUFRJ

responsável e ético das ferramentas de IA no âmbito de uma instituição de ensino e pesquisa peculiar como a nossa”, diz.

Para os professores, Vittorio alerta que o desafio sempre posto pelas tecnologias educacionais é o da necessidade de formação continuada. “A reflexão sobre o tema e as aplicações práticas demandam sempre aquele tempo adicional dos professores, que nem sempre é possibilitado pelas instituições públicas ou privadas”.

“Nosso documento é um primeiro passo para contribuir com esse processo”, afirma Vittorio. “Em breve, divulgaremos uma proposta de formação continuada própria e estaremos lançando agora na Rio Innovation Week, de 12 a 15 de agosto, um guia de prompts (solicitações feitas às ferramentas de IA), auxiliando todos a como interagir de forma mais efetiva com as ferramentas de IA”.

DIÁLOGO COM ALUNOS

Vice-diretora do Instituto de Computação, a professora Carla Delgado participou recentemente de um evento internacional sobre IA na Educação, em Palermo (Itália). Ela reforça a necessidade de diálogo com os estudantes sobre o tema, ao longo do processo de aprendizagem. “Esses guias foram bastante discutidos lá. O uso da IA



UFRJ PREPARA ORIENTAÇÕES SOBRE O TEMA

A UFRJ também prepara um material de orientação da comunidade acadêmica sobre IA. “Estamos pensando em várias frentes para a universidade, e não apenas em ‘regras’ ou regulamentação de uso. Uma regra pode ser fácil de contornar, mas muito melhor é conscientizar os alunos sobre os problemas e a importância de um comportamento ético”, afirma o coordenador da Comissão de Assessoria para Inteligência Artificial da UFRJ, professor Edmundo de Souza e Silva. “É importante envolver toda a universidade neste processo”, completa o docente do Programa de Engenharia de Sistemas e Computação da Coppe.

A proposta do grupo tem como base as “Recomendações para o avanço da inteligência artificial no Brasil” da Academia Brasileira de Ciências, divulgadas em abril de 2024. Um dos objetivos será educar sobre o bom e o mau uso de ferramentas de IA. “Não adianta dizer que não pode fazer tal coisa. É importante ensinar sobre o motivo de não poder”.

Uma frente será colocar à disposição da comunidade uma bibliografia confiável para consulta sobre o assunto. “Uma busca na internet pode encontrar referências adequadas, mas também pode encontrar muito lixo”, explica o professor.

Outro eixo será oferecer para a comunidade um conjunto de tecnologias de IA que possam ser úteis na rotina acadêmica para alunos, professores e técnicos-administrativos. “Desta forma, qualquer aluno poderia ter acesso a novas tecnologias para o ensino e pesquisa, evitando que apenas os que possam pagar tenham acesso às melhores ferramentas”, defende Edmundo.

A expectativa da comissão é entregar o conjunto de sugestões para avaliação da reitoria até o final deste mês.

Veja pelo QR CODE os materiais produzidos pela Cecierj



ELEIÇÃO DA ADUFRJ

10e11

de setembro

PARTICIPE!! VOTE!!!